

## **Entre quatre yeux: a correspondência de Capistrano de Abreu<sup>1</sup>**

Rebeca Gontijo

A correspondência privada desperta o interesse público há muito tempo. Contudo, certa resistência contra as cartas pode ser observada ao longo dos séculos. Às vezes são vistas como um gênero “menor” ou “maldito”. Outras vezes, nem mesmo são consideradas como um gênero literário. Apesar disso, periodicamente, elas ressurgem como objeto de fetiche ou de reflexão. Podem ser tidas como testemunhos de uma época, de um acontecimento, de um tipo de relação social ou, ainda, lidas como uma obra plena de significado, capaz de suscitar comentários e análises críticas. Mas, também, podem ter seu estatuto reduzido à fonte de informações – que ajuda a compor uma biografia, por exemplo – ou, ainda, a um meio de acesso aos bastidores de uma obra.<sup>2</sup> Para alguns autores, o interesse principal da correspondência é mostrar “por trás das teorias, os homens e, sob o encadeamento inflexível das idéias, a imensa ondulação e o redemoinho confuso da vida”.<sup>3</sup>

Esse tipo de material induz à busca de segredos, de confidências, enfim, de todo tipo de expressão da individualidade, capaz de fornecer um mapa da vida ou um retrato da personalidade do missivista. Pode ser prazeroso desvendar aspectos da intimidade de pessoas públicas, algo habitual num mundo repleto de revistas de fofocas e noticiários escandalosos, sempre ávidos por novidades. Os pesquisadores não ficam incólumes diante disso. Mesmo que o indivíduo objeto de sua atenção seja pouco conhecido, é sempre possível estimular o interesse sobre ele, descobrindo algum fato “escabroso” ou atitude surpreendente.

Contudo, como bem observa Christophe Prochasson, além de atender à demanda pelo inédito – cuja satisfação ajuda a consolidar sua posição como um “verdadeiro explorador”, capaz de descobrir

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão revista e condensada de um dos capítulos de: GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. Uma primeira versão foi apresentada na mesa-redonda “Arquivos pessoais: aspectos singulares da correspondência de Capistrano de Abreu”, organizada pelo Arquivo-Museu de Literatura Brasileira na Casa de Rui Barbosa, no dia 24 de maio de 2006.

<sup>2</sup> DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*, p. 5, 9, 51-58.

<sup>3</sup> Lanson apud DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*, p. 5.

<sup>4</sup> PROCHASSON, Christophe. “Atenção verdade!”: arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. *Estudos Históricos*, n. 21, p. 111-112.

“tesouros ocultos” –, os pesquisadores precisam enfrentar certos problemas do ofício ou correr o risco de serem acusados, no mínimo, de ingênuos. Segundo o autor,

As armadilhas que as correspondências estendem aos historiadores são, no entanto, numerosas. A impressão de pegar desprevenido o autor de uma carta que se destinava unicamente ao seu correspondente, o sentimento de violar uma intimidade, garantia de autenticidade, quando não de verdade, são às vezes, bastante enganadores. Existem correspondências que traem uma autoconsciência que não engana ninguém. Existem cartas ou documentos privados cujo autor mal disfarça o desejo, talvez inconsciente, de torná-los, o quanto antes, documentos públicos [...]. Nada corre o risco de ser mais falso do que a “bela carta” ou o arquivo privado “que se basta a si mesmo”, que é “tão revelador”. Há aí algumas armadilhas preparadas.<sup>4</sup>

Em outras palavras, as correspondências, como outros documentos pessoais, sugerem uma mensagem de verdade, pois constituem um meio de expressão do indivíduo na sua intimidade, espaço do espontâneo, de certa liberdade, no qual, supostamente, deve reinar a sinceridade. Ler escritos pessoais assemelha-se a invadir locais escondidos, revelados a poucos, entre os quais o leitor invasor acaba se incluindo, podendo sentir-se, por vezes, como um cúmplice, que compartilha os sentimentos e as idéias do invadido; um esperto detetive, pronto a capturar o missivista em flagrante; um juiz parcial, apto a julgar as condutas privadas; ou, ainda, como uma espécie de deus que tudo vê, capaz de avaliar pensamentos, atos e palavras. Esse leitor pode ter a impressão de estar surpreendendo o autor da carta, pegando-o desprevenido nas suas liberdades, violando seus segredos, tirando sua máscara para, finalmente, revelar ao público suas idiossincrasias.

Contra essa “ilusão de verdade” que o material privado provoca, e a fim de controlar o afeto que o historiador pode nutrir pelos papéis pessoais que escolheu – afeição estimulada pela proximidade do indivíduo que se dá a ver por meio desses materiais –,<sup>5</sup> é preciso, antes de tudo, desconfiar daquilo que aparece como espontâneo, autêntico e verdadeiro, não para descartá-lo, mas para problematizá-lo. Trata-se de introduzir a dúvida no espaço da leitura e considerar que a correspondência (como outros documentos) tanto é um ato individual quanto é uma prática social, sujeita a regras e códigos que precisam ser considerados. Se as cartas contribuem para o exercício da subjetividade e a prática da sociabilidade, por vezes também podem servir como instrumento disciplinar ou de autocontrole.<sup>6</sup>

Além disso, é importante considerar alguns aspectos da história das cartas, que ajudam a compreender seus diferentes usos, pois, como outros tipos de texto, esse também não possui uma essência imutável ao longo dos séculos. Para Philippe Lejeune, por exemplo, trata-se de um escrito “flutuante e contingente”, que “combina outros indícios a fim de exercer funções diferentes em sistemas diferentes”.<sup>7</sup> Investigar as práticas de escrita ajuda a entender os modos como uma comunidade constrói suas representações sobre o mundo, investindo-o de significados plurais. Permitindo associar experiência social e subjetividade, a correspondência é um espaço privilegiado para a observação da relação do indivíduo consigo mesmo e com os outros.<sup>8</sup>

Na época moderna, o exercício da correspondência pode ser visto como uma forma de construção de si, que inclui vários tipos de ações: desde a escrita de si através de autobiografias e diários, até a constituição de uma memória, realizada por meio da recolha dos mais diversos objetos, representativos de algo que precisa ser lembrado. Trata-se de um investimento que visa materializar e dar sentido à história de um indivíduo e dos grupos aos quais ele pertence. Por intermédio dessa prática, o indivíduo atribui significado ao mundo que o rodeia, relacionando-o com sua própria vida, de modo a constituir identidades.<sup>9</sup>

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 112. Angela de Castro Gomes chama a atenção para o fato de que o autor de documentos pessoais constrói, consciente ou inconscientemente, uma imagem de si, para si e para os outros, em muitos tempos e na história. Esta imagem pode ser múltipla, estando presente não apenas nos documentos pessoais, mas no processo de acumulação dos mesmos. (Ver: GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, n. 21, p. 126).

<sup>6</sup> Sobre a função socializante e disciplinar da correspondência, ver: DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*, p. 26.

<sup>7</sup> LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*, p. 315-316.

<sup>8</sup> CHARTIER, Roger (Dir.). *La correspondance: les usages de la lettre au XIXe siècle*, p. 9-10.

<sup>9</sup> GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*, p. 11; FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *O que é um autor?*, p. 129-160; CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos*, n. 21, p. 43-60.

<sup>10</sup>Ibid., p. 21.

<sup>11</sup>FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*, p. 152, 154.

<sup>12</sup>Para Michel Foucault, essa presentificação que a correspondência propicia não ocorre apenas devido às informações que os missivistas trocam sobre suas vidas. Trata-se de “uma espécie de presença imediata e quase física, que se assemelha ao exercício de dar-se a ver, semelhante a um “face-a-face”. FOUCAULT, *A escrita de si*, p. 150. Ver, também: LANDOWSKI, Eric. *A carta como ato de presença*. In: \_\_\_\_\_. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*, p. 165-181. Cabe observar que a visão da correspondência como um “diálogo entre ausentes” não é plenamente compartilhada. Alguns autores, como Jacques Derrida, colocam a dúvida a respeito da compreensão da carta como um escrito endereçado a alguém. Nesse sentido, a carta é vista como um bumerangue, cuja verdadeira destinação seria o próprio remetente e não o destinatário. (Ver DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*, p. 57-59). Com perspectiva semelhante, Vincent Kauffman argumenta que a escrita epistolar é “uma atividade de resistência ao outro”, sendo que, o que está em jogo na correspondência é a conquista de um território sobre

A carta serve de suporte para o registro ou descrição de acontecimentos cotidianos – relativos ao trabalho, ao corpo e aos sentimentos, por exemplo. Também favorece o exercício de um pensamento reflexivo sobre si mesmo ou a respeito de algum assunto, guardando algumas especificidades. Angela de Castro Gomes observa que

[...] a correspondência privada é, com frequência, um espaço que acumula temas e informações, sem ordenação, sem finalização, sem hierarquização. Um espaço que estabelece uma narrativa plena de imagens e movimentos – exteriores e interiores –, dinâmica e inconclusa como cenas de um filme ou de uma peça de teatro. Um tipo de discurso multifacetado, com temas desordenados, que podem ou não ser retomados e desenvolvidos, deixando às vezes bem claro até onde se diz alguma coisa.<sup>10</sup>

Desse modo particular – fragmentado, freqüentemente desordenado e inconcluso –, a escrita de cartas contribui tanto para a objetivação quanto para a introspecção, sendo que esta não ocorre no sentido da decifração de si pelo indivíduo que escreve, mas na abertura de si para o outro.<sup>11</sup> A correspondência pode ser vista, portanto, como um lugar de subjetividade e de sociabilidade, pois ela permite a construção e transmissão de uma espécie de clima emocional, que possibilita aproximações e afastamentos entre os missivistas. Por intermédio dela, eles podem estabelecer relações sociais, revelando a multiplicidade de interesses e de negociações postas em prática em momentos e situações específicas.

Um aspecto importante é que, na relação epistolar, os missivistas se afetam mutuamente. É a carta os afeta mesmo antes de ser lida, pois sendo um objeto materializado pela forma e cor do papel, pela tinta, pela letra reconhecível do remetente e, por vezes, até pelo cheiro, ela acaba valendo, aos olhos daquele que a recebe, como um representante daquele que a escreve. Isso permite dizer que a correspondência equivale a um “ato de presença”, pois promove uma

espécie de encontro entre remetente e destinatário.<sup>12</sup> Esse encontro é um momento importante para a construção de vínculos entre os missivistas. Por isso, trata-se de um tipo de discurso muito marcado pelo cuidado no estabelecimento das relações, ainda que haja lugar para expressões espontâneas de sentimentos, para a linguagem despojada, bastante próxima da comunicação oral.<sup>13</sup>

Para Castro Gomes, por exemplo:

[...] tal como outras práticas de escrita de si, a correspondência constitui, simultaneamente, o sujeito e seu texto. Mas, diferentemente das demais, a correspondência tem um destinatário específico com quem se vai estabelecer relações. Ela implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê – sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis através do tempo.<sup>14</sup>

Esse “jogo interativo” é definido por meio de um “pacto epistolar”: uma espécie de contrato estabelecido entre os missivistas – às vezes de modo subjacente –, que impõe a exigência recíproca de “receber, ler, responder e guardar cartas”, de modo a manter a correspondência e a relação.<sup>15</sup>

Cabe ressaltar que, entre os séculos XVII e XIX, observa-se um crescente investimento na escrita e publicação de cartas, sendo notável uma mutação retórica e sociológica. Ao longo do período, a epistolografia abriu mão da eloquência por um estilo menos formal, mais apto a transcrever o discurso do indivíduo que o exprime e a favorecer uma sociabilidade à distância, marcada pelo hábito da conversação. Cada vez mais, a composição retórica impecável foi desprezada, enquanto “as falhas, os sopros e os suspenses de uma palavra simplesmente humana” adquiriram grande valor. Foi por meio dessa transformação que a carta passou a reivindicar o papel de “espelho da alma”, enquanto se afirmou o mito do epistológrafo como um escritor espontâneo (sem afetação). Mas, essa mesma mudança, que marcou a passagem de uma escrita formal para uma

o qual o outro (o destinatário) não tem direito de entrar. Assim, o exercício da correspondência favoreceria muito mais o afastamento do que a aproximação entre os missivistas. Seria um modo de estabelecer certa distância em relação ao outro, a fim de que a individualidade possa surgir (Ver: KAUFFMAN, Vincent. *L'équivoque épistolaire*, p. 8).

<sup>13</sup> GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*, p. 19, 21.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 19.

<sup>15</sup> *Ibid.*

<sup>16</sup> DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*, p. 9-18, 36; *ibid.*, p. 16, nota 2.

<sup>17</sup> A história das cartas mostra que nem sempre a correspondência serviu como um meio de expor a intimidade e os sentimentos ou favorecer um tipo de conversa improvisada, por vezes, fútil, repleta de referências ao cotidiano. O exercício de escrever e trocar cartas já deu lugar a reflexões filosóficas e serviu como instrumento de confrontação e propagação de idéias. Além disso, como já foi dito, também serviu como meio de construção de si (*ibid.*, p. 8-10, 21, 139-194).

<sup>18</sup> TREBITSCH, Michel. *Correspondances d'intellectuels: le cas des lettres d'Henri Lefebvre à Norbert Guterman (1935-1947)*. *Le Cahiers de l'IHTP*, n. 20, p. 82-83; sobre a correspondência de intelectuais, ver, também: GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*, p. 51-75; e ainda VENÂNCIO, Giselle Martins. *Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história*. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*, p. 111-137; LUCA, Tânia Regina de. *Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n'A barca de Gleyre*. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*, p. 139-

informal, de um tipo de sociabilidade tradicional para uma sociabilidade mais mundana, acabou por estabelecer uma nova ortodoxia, guiada pelas regras de um “discurso ordinário” e ligeiro, marcado por aquilo que Cécile Dauphin chamou de “pedagogia do lugar comum”.<sup>16</sup>

Considerando as transformações da prática epistolar ao longo do tempo, cabe indagar sobre o modo como escritores e intelectuais utilizam a correspondência, visto que tais atores sociais se dedicam às atividades de escrita e pensamento, comumente caracterizadas pela lenta reflexão, pelas teorizações, pela erudição, pelos recursos retóricos mobilizados e pela inspiração. Assim, concordando com Brigitte Diaz, coloca-se a pergunta: como é possível “pensar por carta”?<sup>17</sup> Indo um pouco além, tendo em conta que as variáveis históricas e culturais modificam significativamente a prática epistolar, como é possível pensar por carta no mundo contemporâneo de fins do século XIX e início do XX? Esse ponto interessa particularmente a este estudo, que analisa a correspondência de um historiador que viveu no período em questão: Capistrano de Abreu (1853-1927).

Antes de focalizar as cartas de Capistrano, cabe tecer algumas observações acerca da correspondência de intelectuais, que utiliza um nível de linguagem e uma retórica específicos, de modo a constituir um texto permeado por outros textos. É um espaço para a troca de idéias, projetos e expectativas os mais diversos, que permite acessar o mundo das relações sociais de indivíduos que, geralmente, são “vistos” por meio de publicações ou da atuação em espaços onde domina a oralidade. Através da correspondência, os atores sociais constroem um “lugar” de sociabilidade “privado”, por oposição aos lugares públicos, como, por exemplo, as redações de jornais e revistas, os departamentos universitários, os colóquios e os manifestos.<sup>18</sup>

Michel Trebitsch chama a atenção para a correspondência de intelectuais enquanto “instrumento de aproximação” das sociabilidades devido a três razões: 1) ela é uma das raras fontes escritas sobre um mundo de relações sociais dominado pela palavra e pela oralidade; 2) ela possui o estatuto de narrativa pessoal, próximo da

autobiografia ou do diário íntimo, diferindo dos textos destinados à publicação; 3) ela constitui um lugar de sociabilidade “privado”, oposto aos lugares “públicos”, como as revistas, os colóquios ou os manifestos. De acordo com o autor, as cartas seriam uma espécie de “‘zona enigmática’ entre a vida e o texto”, por autorizar um “vai-e-vem” entre escrito privado e escrito público. Isso seria um resquício de duas heranças: a da tradição epistolar dos séculos XVII e XVIII – marcada pela escrita de si e pelo gênero romanesco – e a dos textos públicos ou políticos, exemplificados pelas cartas abertas, pelos manifestos e petições, muito utilizados ao longo do século XIX.<sup>19</sup>

O autor identifica dois tipos básicos de correspondência no mundo intelectual. Existem cartas cuja função desperta mais interesse do que o conteúdo em si. Essa função seria estabelecer redes de sociabilidade em torno de algo ou alguém (uma figura ou um motivo central). Sua leitura permite rastrear a construção de objetivos comuns – de caráter estético, científico, literário e/ou político – pelos membros de um grupo, deixando entrever seu funcionamento efetivo. Há, também, um tipo de correspondência que não é guiada pelos interesses de um grupo dotado de objetivos comuns e figura central. Esse segundo tipo de correspondência existe em decorrência da relação de amizade entre pares, unidos por afinidades, interesses e preocupações comuns, de ordem pessoal. Sua leitura permite acessar os meandros da relação entre os indivíduos, bastante marcada pelo afeto.<sup>20</sup>

O estudo da correspondência de escritores e intelectuais ajuda a compreender os meandros da construção de uma obra e/ou da elaboração de projetos, revelando ações e intenções e deixando entrever a especificidade dos procedimentos cognitivos e argumentativos. Também permite observar as relações entre os indivíduos, fornecendo indícios de suas experiências como atores sociais.

Um dos aspectos mais importantes da correspondência parece residir no fato de que esse tipo de escrito é uma forma de conversação. Como observou Roger Chartier, não é apenas a condição de leitor e escritor que fundamenta a identidade do intelectual. Essa se

161; e GONTIJO, Rebeca. “Paulo amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*, p. 163-193.

<sup>19</sup> TREBITSCH, Michel. *Correspondances d'intellectuels*, p. 82-83.

<sup>20</sup> A correspondência cuja função é mais importante que seu conteúdo, é chamada por Trebitsch de “correspondência-rede”; e aquela cujo conteúdo chama mais a atenção, é chamada de “correspondência laboratório” (*ibid.*, p. 83).

<sup>21</sup> CHARTIER, Roger. O homem de letras. In: VOVELLE, Michel (Dir.). *O homem do iluminismo*, p. 128, 133.

<sup>22</sup> Ver carta de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel, de 07/11/1904. (In: LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, v. 1, p. 79).

<sup>23</sup> DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*, p. 24.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 25.

define de acordo com certo ponto de vista e a partir de determinado momento, por meio da participação na sociedade dos “homens de letras”. A condição de intelectual está vinculada a essa participação, que implica o diálogo, o intercâmbio de idéias e o respeito a determinadas regras de convívio e normas de comunicação. No século XVIII, por exemplo, conversar era visto como uma arte, sendo que, “o verdadeiro homem de letras”, de acordo com os cânones do *establishment* literário, era, sobretudo “um padrão de conversa em sociedade”.<sup>21</sup>

O padrão de conversa e de epistolografia mudou muito de lá pra cá, rompendo as amarras de uma fala e de uma escrita formais, marcadas pelas regras dos salões, de modo a favorecer um diálogo mais coloquial, mas, nem por isso, menos regrado. No início do século XX, já é possível pensar como Monteiro Lobato, para quem “língua de carta é língua em mangas de camisa e pé-no-chão – como a falada”,<sup>22</sup> o que não significa que se possa dizer tudo o que se quer, do modo que se quer. A “arte de escrever” associa-se à “arte de dizer”, sendo que a carta não é um simples paliativo da conversação. Ela é seu complemento e auxiliar.<sup>23</sup>

Segundo Brigitte Diaz, a “arte epistolar” e a “arte da conversação” conjugam os mesmos valores estéticos e propõem uma mesma ética de sociabilidade, fundada na espontaneidade. Falar e escrever bem é falar e escrever com naturalidade, sendo que essa naturalização das práticas de conversação e escrita é acompanhada por um exercício de ocultação: o ato de conversar e de escrever não deve deixar transparecer o trabalho necessário para tornar a fala e a escrita natural, simples e fácil. A naturalidade tão valorizada resulta de educação e autocontrole, como demonstram os numerosos manuais (as *secretárias*) dedicados ao ensino da epistolografia, não por acaso produzidos por muitos autores de manuais de conversação.<sup>24</sup>

Outro aspecto importante para a análise da correspondência de intelectuais tem relação com o fato de que essa correspondência permite a construção de um tipo de conhecimento fundado no diálogo. Geralmente vista como um meio de difusão de futilidades e senti-

mentos – principalmente quando escritas por mulheres – ,<sup>25</sup> a correspondência passa a ser aceita como um instrumento útil para o desenvolvimento de um pensamento dialógico. Esse instrumento incita os missivistas a

[...] inventar novos protocolos de reflexão, sem a rigidez da teoria, sem a aridez do dogmatismo, mas, com todas as graças da expressão epistolar: mobilidade, desenvoltura. Rapsódico e plural, é um pensamento forçosamente impuro aquele que se elabora na *chassé-croisé* dessa palavra nômade [...] o epistológrafo se permite todas as digressões, todos os registros, todas as posturas enunciativas [...] Da reflexão moral à crítica literária, passando pela introspecção autobiográfica, não há domínio que a sonda epistolar não se empenhe em explorar. O *status* genérico de leveza da carta se abre a todos os horizontes epistemológicos. Porque ela [a carta] visa os discursos constituídos, ela se torna o instrumento ideal de um saber vivo.<sup>26</sup>

Sendo assim, uma possível resposta para a questão anteriormente colocada, sobre como é possível pensar por carta, é que a correspondência de intelectuais é uma forma rápida de construção, confrontação e difusão das idéias. Uma espécie de *work in progress* tem início, às vezes sem planejamento, como resultado de uma improvisação. Conjugando convenções e invenções, as discussões desenvolvidas por meio das cartas tomam um rumo provisório, efêmero, aberto a futuras modificações. Pensar por carta é abrir-se à experimentação, daí ser possível considerar a correspondência como uma espécie de laboratório, em que o pensamento se abre a diversas influências, permitindo explorar certas liberdades de pensar, principalmente, mas não apenas, sobre si mesmo.<sup>27</sup>

A transitoriedade observada em muitas cartas cria muitas lacunas, que somente remetente e destinatário conseguem preencher, ainda que nem sempre de modo pleno. Apesar disso, o leitor/in-

<sup>25</sup> No século XVIII, observa-se um movimento de feminização da escrita privada de cartas, que, cada vez mais, passa a ser vista como uma atividade de mulheres, por meio da qual elas podem expressar suas emoções, bem como o pensamento sobre si mesmas e sobre o mundo (Ibid., p. 18-20).

<sup>26</sup> Ibid., p. 40-41. Desde a Antiguidade, a escrita de cartas constitui uma forma de exercitar o pensamento. Através do diálogo epistolar, os gregos desenvolveram um debate filosófico, por exemplo. Contudo, o século XVIII reinventou o emprego da correspondência, vista como um meio necessário para as grandes discussões da época e um instrumento indispensável para uma ampla reflexão epistemológica. Os usos da carta então se diversificaram: diálogo filosófico, carta aberta, panfleto, autobiografia, debate crítico, etc. Até mesmo no campo da ficção, proliferaram os romances epistolares. É o momento do auge da sociabilidade à distância, na qual a correspondência tem papel principal (Ibid., p. 42-43).

<sup>27</sup> Ibid., p. 41-42; ver, também, TREBITSCH, Michel. Correspondances d'intellectuels.

<sup>28</sup> CERTEAU, Michel de. A economia escriturística. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, p. 221-246.

<sup>29</sup> DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*, p. 61-62.

<sup>30</sup> VENÂNCIO, Giselle Martins. "Sopros inspiradores": troca de livros, intercâmbios intelectuais e práticas de correspondências no arquivo privado de Oliveira Vianna. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*, p. 222-223; e, também, PROCHASSON, Christophe. "Atenção verdade!", p. 114.

<sup>31</sup> A esse respeito, ver: GOMES, Ângela de Castro. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*, p. 13-47.

<sup>32</sup> CATROGA, Fernando. Ritualização da história. In: TORGAL, Luis

investigador pode tecer sua interpretação preenchendo tais lacunas, cruzando informações e indícios contidos em várias cartas. Portanto, a ordenação de um conjunto de cartas no tempo, e em relação a outros conjuntos de missivas, contribui para sua compreensão.

Mais que um instrumento de expressão de idéias sobre algo ou alguém, a correspondência também é um instrumento de ação. Como já foi dito, o "jogo escriturístico" tem como função influir sobre a realidade, da qual se distingue, com o objetivo de transformá-la.<sup>28</sup> A carta aberta, militante, política, demonstra o quanto a correspondência está vinculada a um *dizer* que é, também, um *fazer*. Até mesmo a carta pessoal serve como meio de agir sobre si mesmo, construindo-se e transformando-se, por intermédio do diálogo com o outro. Também serve como meio de agir sobre o mundo ou sobre o outro, uma vez que o ato de escrever mobiliza múltiplos recursos a fim de convencer, influir, exortar, demandar, impor, resistir, reagir, etc., à distância.<sup>29</sup>

Por fim, um último aspecto a ser considerado no estudo da correspondência, já observado por Giselle Martins Venâncio, diz respeito ao fato de que "uma carta expressa mais do que o texto que ela contém". Para além do conteúdo, a condição de redação da carta, sua trajetória, seu destinatário e os gestos que favoreceram sua conservação permitem acessar os investimentos que definiram sua importância.<sup>30</sup> Em vista disso, é interessante rastrear as ações no sentido de guardar, organizar e editar uma dada correspondência, procurando observar o lugar que ela ocupa na vida e na obra do missivista, segundo as narrativas construídas sobre ele.<sup>31</sup>

O gesto de guardar cartas relaciona-se, em parte, ao desenvolvimento da crença de que as cartas contêm um pouco do indivíduo que as escreveu. Como foi observado, são fontes de informação sobre sua biografia e meio de acesso a seu pensamento. No caso das cartas de escritores e intelectuais, cabe lembrar a importância que tais atores sociais adquiriram ao longo dos séculos XVIII e XIX, quando conquistaram um lugar expressivo no espaço público como aqueles mais capazes de compreender, explicar e representar a sociedade e

a nação.<sup>32</sup> Em vista dessa celebração dos “homens de letras”, seus escritos tornaram-se objeto de fetiche, passando a ser colecionados, cultuados, divulgados e estudados. Desse modo, a correspondência passou a constituir uma espécie de “lugar de memória”,<sup>33</sup> através do qual os missivistas são dados a ver na intimidade.

Cumprir notar que, nem sempre a correspondência de intelectuais dá lugar a discussões elevadas ou opiniões pessoais. Por vezes, o toque pessoal fica restrito a algumas informações sobre a saúde, o tempo ou, ainda, sobre a vida alheia. Aqueles com algum interesse em publicar as próprias cartas são, com frequência, mais eloqüentes, colocando-se em cena com maior empenho.<sup>34</sup> Por vezes, a correspondência pessoal pode até sofrer censuras e modificações feitas pelo próprio remetente (ou não) antes da publicação, como ocorreu no caso de *A barca de Gleyre*, de Monteiro Lobato, para quem,

Essas cartas tinham que vir a público um dia, e sairiam cheias de coisas que lá no meu estado gasoso eu havia de arrenegar; achei, pois, que o melhor era infringir as regras e desse modo preparar para a paz a minha vida no além.<sup>35</sup>

Resumidamente, a construção da correspondência como fonte histórica e objeto de análise complexo, composto por um conjunto fragmentado de textos, de difícil tratamento, que exige a aproximação com outras áreas, como a literatura, por exemplo. São textos que formam espaços legíveis, construídos e dados a ler, podendo constituir aquilo que Dauphin e Pouban identificam como um “momento de longa duração [...] um elo de uma cadeia sem começo nem fim”. Quando isso ocorre, a leitura da carta assemelha-se a “entrar em uma história sem conhecer a primeira palavra, sem saber o que aconteceu antes nem o que chegará depois, o que disse antes, nem o que se dirá depois”.<sup>36</sup> Por isso, a carta é uma escrita “em trânsito”, pois sua existência é “flutuante e contingente”.<sup>37</sup> Mas, nunca é demais lembrar, como qualquer outra fonte, ela “é um objeto construído, inscrito no tempo e no espaço social”.<sup>38</sup>

Reis; MENDES, Jose Maria Amado; CATROGA, Fernando (Org.). *História da história em Portugal*, p. 340. Ver, especialmente, o item 6, “A sacralização cívica da literatura”, p. 339-348.

<sup>33</sup> Sobre a noção de lugar de memória, ver: NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n.10, p.7-28.

<sup>34</sup> Ver as observações de Prochasson sobre a correspondência de professores universitários franceses, analisada por Christophe Charle (PROCHASSON, Christophe. “Atenção verdade!”, p. 112).

<sup>35</sup> LUCA, Tânia Regina de. Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n’*A barca de Gleyre*, p. 157.

<sup>36</sup> DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de ler: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Christyna Venancio (Org.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*, p. 76 e 83.

<sup>37</sup> LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*, p. 315-316.

<sup>38</sup> DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de ler, p. 80.

<sup>39</sup> As principais referências para a reflexão sobre a memória, aqui utilizadas, são: VELHO, Gilberto. *Memória, identidade e projeto*. In: \_\_\_\_\_. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*, p. 97-105; POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Estudos Históricos*, n. 3, p. 3-15; POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. *Estudos Históricos*, n. 10, p. 200-212; BARROS, Myrian Moraes Lins de. *Memória e família*. *Estudos Históricos*, n. 3, p. 29-42; BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*; e ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*.

<sup>40</sup> CERTEAU, Michel de. *A economia escriturística*, p. 221-246; GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*, p. 16.

<sup>41</sup> VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*, p. 18.

\*  
\*   \*

Assim como muitos intelectuais de seu tempo, Capistrano de Abreu (1853-1927) teve na escrita de cartas uma ocupação constante e, por meio dela, desenvolveu certa disciplina de trabalho e de interiorização, expôs expectativas, definiu planos e estabeleceu relações. Sua correspondência conjuga uma memória sobre si e sobre diversos tipos de acontecimentos (pessoalmente vividos ou não), com a elaboração de projetos, geralmente relacionados às atividades de pesquisa e à escrita da história. Memória e projetos ajudam a sustentar a construção identitária, por meio da qual o missivista pode ser visto.<sup>39</sup>

Como observou Michel de Certeau, a escrita tem uma importância capital na construção de si, pois essa atividade ajuda a ordenar, rearranjar e dar significado à existência, possibilitando a construção simultânea de um texto e de seu autor.<sup>40</sup> No caso, a escrita de cartas promove o intercâmbio com o outro, por meio do qual os significados atribuídos às experiências vividas são constantemente submetidos à (re)avaliação. Assim, escrever e trocar cartas permite um exercício pessoal muito particular, sujeito a inúmeras aproximações e afastamentos entre os missivistas, cuja relação é marcada pela ausência e pela espera (de respostas ou de um encontro).<sup>41</sup> Quem estuda correspondências acaba se deparando com aspectos subjetivos, expressos através do clima emocional e íntimo desenvolvido entre remetente e destinatário. É possível localizar momentos estratégicos do relacionamento entre os missivistas, quando se observa o investimento efetuado por cada um na elaboração de interpretações sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo.

Considerando a carta como um exercício de escrita que favorece a objetividade e a subjetividade, a proposta é explorar o território epistolar, procurando compreender o processo de construção da identidade social e intelectual de Capistrano de Abreu. Trata-se de um espaço “acidentado”, no qual nem sempre é possível perceber

até onde os caminhos abertos pelos missivistas podem levar. Diante disso, a opção é buscar o indivíduo na sua “intimidade”, no contato consigo mesmo e com aqueles que lhe são próximos, na reflexão sobre a existência e na relação com a temporalidade – expressa através de lembranças do passado, percepções do presente e expectativas de futuro.<sup>42</sup>

Um aspecto da correspondência de Capistrano que chama a atenção diz respeito às observações que o próprio missivista faz sobre a escrita de cartas, como pode ser visto no seguinte trecho de uma carta a Guilherme Studart: “De repente vieram-me saudades suas e comecei a escrever-lhe intimamente, como se estivéssemos *entre quatre yeux*, e não houvesse gente à escuta”.<sup>43</sup> Escrever “*entre quatre yeux*”, como se “não houvesse gente à escuta”. A prática epistolar permite conjugar, de modo singular, três ações simultâneas: escrever, ver e ouvir. A audição está relacionada ao diálogo entre os missivistas e à dimensão de oralidade presente nas cartas, sobretudo quando regidas por um tom coloquial, bem próximo da comunicação oral. Assim, pode-se dizer que há certa analogia entre escrever cartas e conversar pessoalmente.<sup>44</sup> Como justificou Capistrano, ao redigir uma carta a Mário de Alencar: “preferi, a ler, conversar um pouco”.<sup>45</sup>

Já a possibilidade de ver que a correspondência abre está relacionada à presença do outro. Conforme está dito na citada carta a Guilherme Studart, o exercício de escrever cartas se dá “entre quatro olhos”, pois é em função do outro que a carta é escrita e é diante dele que, apesar da distância física, o remetente se expõe e alimenta a expectativa de resposta. Desse modo, a correspondência propicia um tipo de presentificação. Nas palavras de Michel Foucault, trata-se de “uma espécie de presença imediata e quase física”, que se assemelha ao exercício de se dar a ver, sendo que na relação epistolar os missivistas se afetam mutuamente. E a carta começa a afetá-los mesmo antes de ser lida, uma vez que, sendo um objeto materializado pela forma e cor do papel, pela tinta, pela letra reconhecível do remetente, etc., ela acaba valendo, aos olhos daquele que a recebe,

<sup>42</sup> Sobre a escrita de si através das cartas, ver: DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*, p. 139-194.

<sup>43</sup> Carta a Guilherme Studart, 21/09/1901 (In: ABREU, Capistrano de. *Correspondência*. v. 1, p. 152).

<sup>44</sup> GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*, p. 19 e 21; DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*, p. 24-25.

<sup>45</sup> Carta a Mário de Andrade, 13/01/1910 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 219).

<sup>46</sup> FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *O que é um autor?*, p. 150; e, também, LANDOWSKI, Eric. A carta como ato de presença. In: \_\_\_\_\_. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*, p. 165-181.

<sup>47</sup> Carta a João Lúcio de Azevedo, 11/09/1919 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 2, p. 133).

<sup>48</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo, 03/03/1922. (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 3, p. 241).

<sup>49</sup> VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade*, p. 36, 40; ver, também, TREBITSCH, Michel. *Correspondance d'intellectuels*, p. 83-84.

<sup>50</sup> Cartas a João Lúcio de Azevedo, 05/05/1924, 16/04/1919, 24/01/1917, 27/09/1917, 31/12/1921 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 2, p. 299, 123, 25-26, 73 e 231, respectivamente).

como um representante daquele que a escreve. Sendo assim, a correspondência equivale a um “ato de presença”, pois promove uma espécie de encontro entre remetente e destinatário.<sup>46</sup>

A percepção da presença do outro passa, por exemplo, pela imaginação dos espaços por onde ele circula: sua cidade, sua rua, sua casa. Em carta, Capistrano manifesta o quanto sentia próximo seu amigo luso-brasileiro João Lúcio de Azevedo, apenas por saber que ele retornara à sua casa, em Portugal, após uma viagem à Inglaterra. Escreve Capistrano:

Sua carta alvoroçou-me. A partida de Londres é uma aproximação e bem grande. Sabê-lo em sua casa da Rua de Alexandre Herculano é como se o Atlântico se estreitasse e pudéssemos dialogar de uma costa para outra.<sup>47</sup>

Da mesma forma, ao olhar um mapa do Rio e localizar a rua onde Capistrano vivia, João Lúcio comentou: “Em uma planta do Rio, que trouxe meu filho, vi o morro da Glória, e a Rua D. Luísa. Pareceu-me ficarmos mais perto agora. Como não posso ir em pessoa, subo com a vista as alturas”.<sup>48</sup>

Além de permitir o estabelecimento de relações de amizade e afeto, a correspondência de Capistrano constrói uma verdadeira rede de estudos à distância. Na escrita de cartas é possível exortar, planejar atividades conjuntas e expor trabalhos individuais ainda em curso, submetendo-os a constantes modificações.<sup>49</sup> Essa rede é tecida por meio de pequenos gestos de amizade. Entre pedidos de cópia de documentos e remessas de livros feitos pelos missivistas, desenvolve-se a atividade crítica e o afeto. A correspondência traz comentários dos textos de um, feitos pelo outro. Também transmite observações a respeito das atividades de leitura e pesquisa, deixando ver a disponibilidade dos missivistas para a relação, havendo exhibições de respeito mútuo pelos trabalhos realizados, bem como espaço para críticas e autocríticas.

As demonstrações de afeto surgem, por exemplo, nos muitos elogios, enviados pelo correio. Após ler um livro de João Lúcio de Azevedo, Capistrano escreveu-lhe dizendo:

Li quase metade dos *Cristãos-novos*, sempre com o maior prazer. Revela grande progresso: às vezes sucedia-me não saber exatamente sua opinião em seus livros anteriores: agora clareza ou franqueza, a impressão é outra.<sup>50</sup>

Quanto a João Lúcio, considerava Capistrano “um Mestre” e não lhe poupava elogios. Após ter lido a introdução, escrita por Capistrano, para um dos livros de Frei Vicente do Salvador, comentou: “trabalho de alta erudição, cheio de novidade e que decididamente esgota o assunto [...] felicito-o por este trabalho, verdadeiramente digno do nome que o autor tem entre os que estudam e sabem de sua terra”.<sup>51</sup> Resumidamente, a troca epistolar com João Lúcio parece ter sido marcada pela harmonia, indicando um tipo de relação em que os missivistas se percebem como iguais. Relação distinta foi construída, por exemplo, com Afonso Taunay e Mário de Alencar, seus ex-alunos.

Com Mário, filho do escritor José de Alencar e uma espécie de protegido de Machado de Assis, as exortações eram comuns, dado o constante desânimo do destinatário diante da vida e de uma tenaz dúvida sobre o valor do próprio trabalho. Dizia:

Você precisa deixar seu pai de lado; o que ele podia dar-lhe de bom já deu; maior convivência do que V. tem tido com o espírito dele, agora só pode lhe fazer mal; paralisaria seu desenvolvimento, condenaria V. ao triste papel de epígono.<sup>52</sup>

Capistrano parecia achar que Mário tanto cultuava seu falecido pai que lhe faltavam energias para a própria evolução como escritor. Aconselhava-o a deixar o passado e a se dedicar inteiramente ao pre-

<sup>51</sup> Carta a Capistrano de Abreu, 08/08/1918 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 3, p. 227).

<sup>52</sup> Carta a Mário de Alencar, 14/09/1901 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 209).

<sup>53</sup> Carta a Mário de Alencar, 14/09/1901 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 210).

<sup>54</sup> Carta a Afonso Taunay (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 274).

<sup>55</sup> Carta a Afonso Taunay, “Dia de S. Bertoldo e S. Columbano, [1904]” (21/11/[1904]). (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 276)

<sup>56</sup> Cartas a Afonso Taunay, 09/01/1914, 26/08/1919 [meados de 1917] (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 277, 302, 284).

<sup>57</sup> Carta a Afonso Taunay, 17/12/1919 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 304).

<sup>58</sup> Cartas a João Lúcio de Azevedo, 11/11/1920, 23/10/1925 e 13/06/1922 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 2, respectivamente, p. 184, 341, 375).

<sup>59</sup> Carta a João Lúcio de Azevedo, 11/04/[1926] (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 2, p. 349).

<sup>60</sup> Carta a Joaquina “Kiki” de Assis Brasil, 03/06/1919 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 3, p. 71).

sente. Contudo, o próprio Capistrano terminava por admitir: “Eu infelizmente não o consegui, e já dei de mão a tais ambições”.<sup>53</sup>

Já a correspondência com Afonso Taunay parece ter sido marcada tanto pelas discussões acerca das pesquisas em andamento, quanto por freqüentes conselhos, sugestões e reprimendas, confiurando, também, uma relação entre mestre e discípulo. Alertava o destinatário sobre o perigo do anacronismo: “Se você escreve um romance histórico, tome tento sobretudo com os diálogos. Não vá fazer um sujeito de 1630 falar como um carioca de agora. Aí está o maior escolho, a meu ver. E leia, leia e leia!”.<sup>54</sup> E criticava suas escolhas:

A sua idéia de escrever uma história dos capitães-generais de S. Paulo é simplesmente infeliz. Que lembrança desasturada a de preferir um período desinteressante, quando a época dos paulistas é o século XVII! [...] Reserve você para si o melhor naco, e deixe os miúdos para quem deles gostar.<sup>55</sup>

As cartas a Taunay são verdadeiras lições de história e historiografia, que incluíam a orientação de leituras, a discussão de planos e interpretações, além das observações acerca do melhor modo de apresentar o trabalho, em termos de narrativa. Capistrano julgava que “em história o ideal é não deixar trabalhos para os outros, enquanto não aparecem novos documentos”. As notas deveriam acompanhar os textos sem chamadas. Uma simples diferença de tipos deveria evitar a confusão. Também aconselhava deixar a retórica de lado e a evitar referências vagas ou indiretas.<sup>56</sup> Nesse item, Taunay reincidia, pois o remetente reclamava: “Mais uma vez chamo sua atenção para as paráfrases e alusões. Não estará V. em idade de poder ou vir ainda libertar-se deste cacoete? Não tenha medo de fazer artigos curtos e siga o conselho augusto: pão, pão; queijo, queijo”.<sup>57</sup>

É possível afirmar que a correspondência de Capistrano foi marcada por dois tipos de relação: aquela entre mestre e discípulos, caracterizada pela atividade de orientação dos estudos; e aquela entre pares que colaboravam ativamente nas reflexões e pesquisas uns dos outros.

Mas, além de ser um espaço propício para discussões intelectuais, a correspondência também dá lugar a uma escrita de si. Os aniversários, por exemplo, são bons momentos para reavaliar a vida e ocasião oportuna e socialmente indicada para demonstrações de afeto, por mera formalidade ou não. Capistrano afirmava não gostar de comemorar o próprio aniversário. Certa vez, comentou: “parabéns de aniversário justificam-se pela certeza de que sobre o passado não podem influir forças humanas ou sobre-humanas, ou porque já não são muitos os dias a amargar”. Quando completou 72 anos, mencionou: “Felizmente não tenho que repeti-los”.<sup>58</sup> Ao parabenizar os amigos, Capistrano, supostamente, deixa transparecer a preocupação com a realização de seus próprios projetos e ambições ao longo da vida. Pode-se dizer que aquilo que desejava ao amigo fosse, também, uma aspiração sua. Assim, deseja a João Lúcio “que a vida lhe chegue para a realização de todos os planos restantes”. A vida bem vivida é aquela em que é possível ter e realizar projetos, assim como, obter um justo reconhecimento.<sup>59</sup>

A boa vida também era marcada pela presença dos amigos, pelo gosto de conviver. Apesar disso, certa vez sentenciou:

Amigos, conversas, passeios, livros, tudo passa e tudo é vão: quem afinal fica reduzido a si próprio é que vê a realidade e conhece como tudo é insuficiente. *Is life worth living?* [*Vale a pena viver?*].<sup>60</sup>

Essa vida solitária de quem se percebe como estando “reduzido a si próprio” era preenchida pelas atividades de pesquisa, revisão e edição de textos, além da escrita de cartas, havendo, contraditória e surpreendentemente, uma intensa vida social, visto que esse

<sup>61</sup> Ver, por exemplo, AMED, Fernando. *As cartas de Capistrano de Abreu*.

<sup>62</sup> Cartas a Paulo Prado de dezembro de 1921, 08/01/1922, 18/01/1922, 19/03/1923, 16/10/1924, 28/02/1924, 08/06/1925, 24/08/1925, 05/02/1926, 24/01/1926, junho de 1927 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 2, p. 410, 411, 412, 443, 458, 461, 468, 466, 477, 478 e 482, respectivamente); carta a Afonso Taunay, 04/03/1910 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 361); e carta a Pandiá Calógeras, [1911] (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 377).

<sup>63</sup> Carta a Mário de Alencar, 09/01/1910 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 213).

<sup>64</sup> Carta a João Lúcio de Azevedo, 02/07/1917 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 2, p. 58-59).

<sup>65</sup> Carta a João Lúcio de Azevedo, 09/03/1918 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 2, p. 83-84).

<sup>66</sup> Carta a Mário de Alencar, 09/01/1910 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 213).

<sup>67</sup> DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*, p. 177-178.

<sup>68</sup> Carta a Mário de Alencar, 09/01/1910 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 213, já citada).

<sup>69</sup> Carta a Pandiá Calógeras, 17/04/1905 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 353); carta a Paulo Brandão, 26/01/1907 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 270);

intelectual ficou conhecido como um homem recluso.<sup>61</sup> Capistrano freqüentava almoços e jantares semanais, ia a festas de aniversários, casamentos e bodas e era capaz de ir ao cais só para abraçar um amigo de passagem. Contudo, às vezes queria fugir de tais compromissos, concluindo que “boa romaria faz quem em sua casa está em paz”.<sup>62</sup>

A correspondência também expõe aspectos da velhice e seus colorários: a possibilidade da perda de amigos e parentes, por exemplo. Em carta a Mário de Alencar, ele fala do sentimento de perda como algo constitutivo de si mesmo e apresenta-se como um conformista, orgulhoso por não ser obtuso:

Considero-me uma ave qualquer que desde quase vinte anos outra cousa não fez senão perder penas; as novas não substituem as antigas, e o vôo faz-se cada vez mais rasteiro, e lá um dia virá, sobre todos desejado, em que cesse a faculdade de voar. Eis o meu caso, querido Mário. Não sou pessimista, não sou otimista, sou um conformista, quem sabe? Um satisfeito, mas hoje gosto tanto de não ser obstrutivo [sic]!<sup>63</sup>

A perda dos amigos também é destacada, sendo que a inimizade, a perda de amigos por desavenças, não parecia incomodá-lo. Ou melhor, doía, mas era considerada benéfica. Certa vez disse a João Lúcio: “uma amizade que se perde é como um vício que se larga, ganha-se com a perda”.<sup>64</sup> O que mais o entristecia era a perda dos velhos amigos por morte. Em certa ocasião, concluiu com desdém que era melhor não ter amigos íntimos, revelando a grande importância que eles tinham em sua vida:

Sinto muito a perda do amigo de tantos anos. Quando, depois de perdido, o amigo continua vivo, o golpe é doloroso, mas em suma salutar, como a suspensão de um vício. A perda por morte é uma mutilação. Quanta cousa já está morta para mim, porque sobre cada uma só conversava com uma

pessoa, e esta já não me pode responder. Os jesuítas tinham razão: nada de amigos íntimos.<sup>65</sup>

Dizia preferir as “relações banais”, consideradas mais seguras, por ser possível substituí-las.<sup>66</sup> Além de permitir a narrativa das perdas, as cartas também servem como suporte para a rotulação de si mesmo, exercício que permite uma contínua autoconstrução, bastante marcada pelo laconismo. Mais do que apresentar detalhados auto-retratos, a escrita de si através de cartas parece favorecer os clichês, os retratos instantâneos ou sintéticos.<sup>67</sup> Às vezes, além de “conformista”,<sup>68</sup> Capistrano se definia como um “vaqueano velho” (habilidoso, prático, conhecedor dos caminhos ou de uma região), um “velho garrano” (velhaco, patife), um “diletante retardativo” ou, simplesmente, um “João Ninguém”, que lhe serve como assinatura em algumas cartas.<sup>69</sup>

As cartas também trazem indícios sobre o modo como o historiador contava o tempo com intimidade, personalizando os dias como dias de santos e de personagens históricos. Dizia que sua vida havia sido regida por certos provérbios finlandeses relativos ao tempo: “Li há dias uns provérbios finlandeses, que parece terem dirigido minha existência: o tempo está sempre de frente para nós; pressa não é obra de Deus; neste mundo, tempo é a única cousa de que há fartura”.<sup>70</sup> A ausência de pressa pela qual pautara sua vida permitia-lhe tempo para os estudos da história brasileira e da língua indígena. Para Capistrano, “quem corre cansa, quem anda alcança”.<sup>71</sup> Contudo, há momentos em que o autor demonstra certa ansiedade diante do tempo: “O tempo vai tão depressa que lembra, não a foice de Cronos, mas as asas de Hermes. Sem que o sinta, acaba-se o dia, acaba-se a semana, acaba-se o mês e, dado o balanço, só encontro um zero elevado não sei a que potência”. Ou ainda, quando afirma que: “É sempre assim: não curamos do tempo, o tempo tudo escritura e surpreende-nos com suas contas monstruosas”.<sup>72</sup> Essas observações sobre o tempo parecem derivar da compreensão de si mesmo como alguém que acreditou muito na extensão da vida e na brevidade da

cartas a João Lúcio de Azevedo, 28/01/1921 e “véspera da soltura dos diabos” (23/08/[1925]) (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 2, p. 194, 339).

<sup>70</sup> Cartas a João Lúcio de Azevedo, 21/12/1925 e 09/03/1921 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 2, p. 343 e 197, respectivamente).

<sup>71</sup> Carta a Afonso Taunay, 03/04/1918 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 293).

<sup>72</sup> Cartas a João Lúcio de Azevedo, 03/06/1921 e 20/10/1923 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 2, p. 214 e 281).

<sup>73</sup> Carta a Guilherme Studart, 07/01/1907 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 178).

<sup>74</sup> Carta a João Pandiá Calógeras, 04/11/1916 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 401).

<sup>75</sup> Carta a Miguel Arrojado Lisboa, 08/11/1922 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 444); carta a Mário de Alencar, 02/03/1910 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 223).

<sup>76</sup> Carta a Francisco Ramos Paz, 23/12/1880 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 3).

<sup>77</sup> O estoicismo designa um conjunto de doutrinas greco-romanas caracterizadas, sobretudo,

pelo valor atribuído à moderação na vida do sábio, bem como à austeridade de caráter e à impossibilidade diante da dor e do infortúnio. Entre os filósofos relacionados ao estoicismo, estão os gregos Zenão de Cício (340-264 a.C.) e Cleanto (séc III a.C.); e os romanos Epicteto (c. 55- c.135) e Marco Aurélio (121-180). Capistrano era leitor dos *Pensamentos*, de Marco Aurélio, que lia “a pequenas doses” todos os dias.

<sup>78</sup> Carta a Luís Sombra, 31/12/1910 (In: ABREU, Capistrano. *Correspondência*, v. 1, p. 22).

<sup>79</sup> Exemplos de cartas de Capistrano de Abreu que foram publicadas antes da primeira edição em livro de 1954/1956: Cartas de Capistrano de Abreu a José Veríssimo. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, n. 118-120; FONTES para a história do Brasil: cartas de Capistrano de Abreu a Lino de Assunção.

<sup>80</sup> RIBEIRO, João. As cartas de Capistrano. In: \_\_\_\_\_. *Obras: Crítica*, v. 6: Historiadores, p. 94-98. A primeira parte foi originalmente publicada no *Jornal do Brasil*, 18/12/1927; e, a segunda, no *O Estado de São Paulo*, 13/10/1931.

<sup>81</sup> A Sociedade Capistrano de Abreu foi criada em setembro de 1927, pouco depois da morte de seu patrono. Reunia inte-

arte. A impossibilidade de concluir os próprios projetos equivalia a uma espécie de punição, como é expresso em carta a Guilherme Studart, quando comenta a conclusão de seu livro *Capítulos de história colonial*, publicado em 1907. Diz Capistrano:

Imaginava outra cousa e não pude realizá-la, parte por culpa minha, parte culpa das circunstâncias. Acreditei muito na extensão da vida e na brevidade da arte, e fui punido. Quando, ainda no Ceará, concebi-a [a escrita da história do Brasil], a obra tinha outras dimensões. Cada ano levou consigo um lance ou um andar. A continuar mais tempo, ficaria reduzida a uma cabana de pescador. Mesmo agora acho-lhe uns ares de tapera.<sup>73</sup>

As cartas dão lugar a acessos de desânimo, mas, também, de esperança. Certa vez achou que o esforço para realizar seus planos não valera a pena. Escreveu ao amigo Pandiá Calógeras: “Tanto esforço, tanto trabalho e tão pouco fruto, e às vezes o fruto dependendo apenas de uma circunstância mínima: é a lei do mundo. Para andar bem no mundo é preciso possuir alma de *Bourgeois gentilhomme*”.<sup>74</sup> Contudo, tempos depois, concluiu que: “O importante não é o triunfo, é o combate”.<sup>75</sup>

Em meio aos acessos de desânimo e de esperança, pela ansiedade provocada pelo trabalho, pelo desejo de sair da cidade e de rever os amigos, Capistrano ansiava pertencer-se “total e exclusivamente”, como menciona em carta a Ramos Paz.<sup>76</sup> Pertencer a si mesmo significava ter tempo para realizar planos pessoais, que, de modo geral, envolviam aquelas que parecem ter sido suas atividades favoritas: a leitura e as viagens. Pertencer-se significava, sobretudo, poder obedecer à própria consciência, com certo estoicismo.<sup>77</sup> Como escreveu em carta ao amigo Luís Sombra: “Há muitos meios de ser feliz, mas todos reduzem-se a um único: obedecer aos ditames da consciência, principalmente com sacrifícios”.<sup>78</sup>

Pouco depois da morte de Capistrano, em agosto de 1927, sua correspondência começou a circular para além do circuito inicial estabelecido entre remetente(s) e destinatário(s). Algumas de suas cartas foram divulgadas publicamente no Brasil e em Portugal.<sup>79</sup> Provavelmente, isso causou algum incômodo, uma vez que se referiam a várias personalidades do mundo político e literário ainda vivas. Nessa época, o historiador João Ribeiro observou que:

As suas cartas, inconvenientes e medíocres, formam completo inventário de seus ódios, paixões e malquerenças [...]. É triste verificar pelas suas cartas que o bom historiador é um péssimo epistológrafo, ainda que essa última qualidade excite a curiosidade malsã das bisbilhotices. Não sei se é realmente serviço às letras apresentar essa face noturna ou crepuscular do grande investigador que ele foi e que mereceu respeito da sua geração e, provavelmente, de todas as gerações [...]. Para a biografia de Capistrano bastam-lhe as cartas em suplemento ao que se sabe de sua vida.<sup>79</sup>

Tempos depois, um conjunto de 1.257 cartas – incluindo a correspondência ativa e passiva do historiador –, foi reunido graças ao empenho de José Honório Rodrigues, membro da Sociedade Capistrano de Abreu<sup>80</sup> e diretor da seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional, para quem:

A correspondência de Capistrano de Abreu é um acervo precioso, não só para a sua biografia, pois nela se vêem seu método de trabalho e suas pesquisas, como também para a historiografia brasileira. [...] São depoimentos curiosos, astutos, às vezes mordazes, que revelam Capistrano como um analista inflexível da história contemporânea e um crítico implacável de sua quadra.<sup>81</sup>

lectuais de renome, tais como: Paulo Prado, Rodolfo Garcia, João Pandiá Calógeras, Manuel Said Ali Ida, Teodoro Sampaio, Edgar Roquette-Pinto, Afrânio Peixoto e Afonso Taunay. Seus objetivos eram divulgar a obra de Capistrano, promovendo sua reedição, bem como, a publicação de seus trabalhos inéditos, incluindo sua correspondência; guardar e conservar sua biblioteca e seu arquivo documental. Sobre a Sociedade, ver GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano*, p. 55-108.

<sup>82</sup> RODRIGUES, José Honório. Introdução (In: ABREU, Capistrano de. *Correspondência*, 1977, v. 1, p. XXII).

Essa boa acolhida das cartas, tão distinta daquela demonstrada antes por João Ribeiro, constitui um investimento efetivo no sentido de situar a correspondência como parte significativa da obra de Capistrano e meio de acesso ao intelectual por trás dos textos. Indica que assim como as práticas de escrita variam ao longo do tempo, variam também as formas de leitura e recepção.

A leitura aqui empreendida procurou compreender como as cartas permitem conjugar conversação e escrita, subjetividade e objetividade, razão e emoção, excepcionalidade e banalidade. Desse modo, este texto recuperou alguns aspectos da correspondência de Capistrano de Abreu, compreendendo-a como uma prática social que, de um modo particular, favorece a construção de si.

#### Bibliografia citada:

ABREU, Capistrano de. Cartas a José Veríssimo. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, n. 118-120, 1931.

\_\_\_\_\_. *Correspondência*. Organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: MEC, 1977. 3 v.

ALBERTI, Verena. *Owir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

AMED, Fernando. *As cartas de Capistrano de Abreu*. São Paulo: Alameda, 2006.

BARROS, Myrian Moraes Lins de. Memória e família. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 29-42, 1989.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos – Dossiê Arquivos Pessoais*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 43-60, 1998.

CATROGA, Fernando. Ritualização da história. In: CATROGA, Fernando; TORGAL, Luis Reis; MENDES, José Maria Amado. *História da história em Portugal*. Lisboa: Temas e Debates, 1998.

CERTEAU, Michel de. A economia escriturística. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 221-246.

CHARTIER, Roger. \_\_\_\_\_. (Dir.). *La correspondance: les usages de la lettre au XIXe. siècle*. Paris: Fayard, 1991.

\_\_\_\_\_. O homem de letras. Trad. Maria Georgina Segurado. In: VOVELLE, Michel (Dir.). *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de ler: cartas familiares no século XIX. Trad. Maria Helena Câmara Bastos. In: BASTOS, Maria Helena Câmara et al. (Org.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 75-87.

DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*. Paris: PUF, 2002.

FONTES para a história do Brasil: cartas de Capistrano de Abreu a Lino de Assunção. Publicadas e prefaciadas por Luís Silveira. Lisboa: Livraria Teixeira, 1946.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Tradução de Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 4. ed. Lisboa: Vega: Passagens, 2000. p. 29-87.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

\_\_\_\_\_. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos – Dossiê Arquivos Pessoais*, Rio de Janeiro, FGV, n. 21, p. 121-127, 1998.

\_\_\_\_\_. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 13-47.

GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano*. Capistrano de Abreu: da historiografia ao historiador. Niterói, 2006. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense.

\_\_\_\_\_. “Paulo amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 163-193.

KAUFFMAN, Vincent. *L'équivoque épistolaire*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990.

LANDOWSKI, Eric. A carta como ato de presença. In: \_\_\_\_\_. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 165-181. 1. ed. francesa 1997.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1996. p. 315-316. 1. ed. 1975.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961. Publicada na 1ª série das Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 1.

LUCA, Tânia Regina de. Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n'*A barca de Gleyre*. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 139-161.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, São Paulo: PUC, n.10, p. 7-28, dez. 1993. Originalmente publicado em NORA, Pierre (Org.). *Les lieux de mémoire 1: la République*. Paris: Gallimard, 1984. p. XVIII-XLII.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, n. 10, p. 200-212, 1992.

PROCHASSON, Christophe. “Atenção verdade!”: arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 105-119, 1998.

RIBEIRO, João. As cartas de Capistrano [2 partes]. In: \_\_\_\_\_. *Obras 6*: Crítica: v. 6: Historiadores. Organização de Múcio Leão. Rio de Janeiro: ABL, 1961. p. 94-98.

RODRIGUES, José Honório. Introdução. In: ABREU, Capistrano de. *Correspondência*. Organização de José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: MEC, 1977. v. 1, p. XXII. 1. ed. 1954

TREBITSCH, Michel. Correspondance d'intellectuels: le cas des lettres d'Henri Lefebvre à Norbert Guterman (1935-1947). *Les Cahiers de L'IHTP*: sociabilités intellectuelles: lieux, milieux, réseaux. [S. l.], n. 20, p. 11-21, mars 1992.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: \_\_\_\_\_. *Projeto e metamorfose*: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999. p. 97-105. Originalmente publicado na *Revista Tempo Brasileiro*, n. 95, p. 119-126, out./dez. 1988.

VENANCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p. 111-137.

\_\_\_\_\_. “Sopros inspiradores”: troca de livros, intercâmbios intelectuais e práticas de correspondências no arquivo privado de Oliveira Vianna. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina

Venancio (Org.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 217-242.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1996.

